**CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL PROFESSOR JOSÉ VALDEVINO DE CARVALHO: UM OLHAR PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA**

Denise Gomes de Sá

Professora- SME- Fortaleza; E-mail: [denigomes64@hotmail.com](mailto:denigomes64@hotmail.com)

Ana Carmita Bezerra de Souza

Professora- UFCA; E-mail: [ana-carmita.souza@ufca.edu.br](mailto:ana-carmita.souza@ufca.edu.br)

Roberta Rodrigues Fernandes Rios

Coordenadora Pedagógica- SME- Fortaleza; E-mail: [professorarobertafernandes@gmail.com](mailto:professorarobertafernandes@gmail.com)

Paulo Henrique Freitas Maciel

Economista- UFCA; E-mail: [paulo.freitas@ufca.edu.br](mailto:paulo.freitas@ufca.edu.br)

**RESUMO**

Neste artigo apresentamos o resultado de uma pesquisa desenvolvida em 2017 na cidade de Fortaleza- CE junto à comunidade atendida pelo Centro de Educação Infantil- CEI Professor José Valdevino de Carvalho situado no bairro Parangaba. A mesma teve como objetivo conhecer as condições de vida das crianças e de suas famílias na tentativa de alcançarmos uma prática pedagógica alicerçada na realidade do público-alvo de nossas ações dentro da instituição. Optamos por uma abordagem de pesquisa qualitativa com a utilização de questionários e entrevista semiestruturada aplicados durante visitas domiciliares a 31 famílias num universo de 70 que compõem o quadro de pais do CEI. A pesquisa alicerçou-se nos estudos de Ortiz (2000); Cruz (2016) e Silva (2017), dentre outros. Podemos dizer que encontramos realidades bem distintas umas das outras. São famílias com renda per capita abaixo da média nacional de acordo com dados do IBGE, visto que, 75% recebem um ou dois salários mínimos, 16,66% abaixo de um salário mínimo e apenas 8,33% recebe cerca de três salários. Observamos ainda que 63,88% dos sujeitos possuem bolsa família e 36,11% não recebem nenhum benefício social. Além disso, são famílias compostas por 3, 4 ou 5 membros que residem em vilas nas imediações da escola, em casas de alvenaria, algumas sem saneamento básico. Constatamos ainda que a buscam por atendimento para as crianças na instituição se dá devido a necessidade de trabalhar e até mesmo por questões “assistencialistas” ainda imbricada no imaginário destas famílias.

**Palavras-Chave:** Educação infantil- famílias- visitas- crianças.

**INTRODUÇÃO**

Neste artigo apresentamos o resultado de uma pesquisa desenvolvida no ano de 2017 na cidade de Fortaleza- CE junto à comunidade atendida pelo Centro de Educação Infantil- CEI Professor José Valdevino de Carvalho situado no bairro Parangaba. Podemos dizer que objetivo principal do trabalho de investigação foi conhecer as condições de vida das crianças e de suas famílias na tentativa de alcançarmos uma prática pedagógica alicerçada na realidade do público-alvo de nossas ações dentro da instituição. Dessa forma, optamos por uma abordagem de pesquisa qualitativa com a aplicação de questionários e entrevista semiestruturada junto a 31 famílias num universo de 70 que tem filhos matriculados no CEI. A opção por esse tipo de abordagem se deu por acreditarmos que a mesma possibilita maior aproveitamento na coleta dos dados.

Em se tratando da entrevista Bogdan e Biklen (1994, p. 134) nos dizem que “[…] a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo”. Acrescentam ainda que “o sujeito desempenha um papel crucial na definição da entrevista e na condução do estudo” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 135).

Vale salientar que a o interesse pela pesquisa surgiu num período em que o centro de educação infantil passava por uma reforma devido a necessidade de reparos na infraestrutura do prédio onde as crianças são atendidas, tempo esse em que o atendimento ao público foi suspenso e nos foi sugerido pela Secretaria Municipal de Educação darmos continuidade a escrita da versão da Proposta Pedagógica do CEI.

Assim, para efetivação da escrita do Projeto Político Pedagógico alguns questionamentos nos inquietaram ao tentarmos caracterizar a clientela da instituição de ensino: Quais a condições de vida das crianças e suas famílias?; Como são as moradias?; Existe saneamento básico onde moram?;Residem em imóveis próprios ou alugados?; O que as crianças fazem quando não estão na creche?; Como é a rotina das crianças em casa?; Referente a alimentação em casa: quantas refeições fazem e o que geralmente é ofertado? As crianças apresentam manhas para dormirem ou comerem quando estão em casa?; Onde e como dormem? Qual a importância da creche para sua família e para seu filho (a)?

É importante dizer que foi a partir destes questionamentos que tomamos a decisão de fazermos visitas domiciliares às famílias e conhecermos de perto um pouco da rotina das crianças dentro de seus lares. Podemos antecipar ao leitor que foi uma caminhada prazerosa e ao mesmo tempo cheia de expectativas de ambas as partes, famílias/professoras, pois não sabíamos o que encontraríamos ou como seríamos recebidas nas comunidades as quais frequentamos.

A seguir com o intuito de situar o leitor no universo de nossa pesquisa discorremos brevemente sobre alguns aspectos que caracterizam o Centro de Educação Infantil Professor José Valdevino de Carvalho e na sequência dialogamos com os dados coletados nos questionários e nas observações elencados pelas pesquisadoras durante as visitas.

**CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL PROFESSOR JOSÉ VALDEVINO DE CARVALHO: CONTEXTO, PÚBLICO ATENDIDO, ROTINA ORGANIZACIONAL E CARACTERIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS COM BASE NOS RESULTADOS DA PESQUISA.**

Segundo Leite (2013):

Na Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza a educação infantil tem ocupado lugar de destaque desde o início da década de 1990 quando, em todo país, se fortaleceu um longo processo de lutas e discussões entre políticos, sociedade civil, estudiosos e pesquisadores acerca de uma educação de qualidade para as crianças. (LEITE, 2013, pág. 10)

Essa preocupação da Prefeitura Municipal de Fortaleza com a Educação Infantil tem se materializado com a ampliação/abertura dos centros de educação infantil nos muitos bairros da capital no decorrer da última década.

Uma matéria do Jornal O Povo publicada em agosto de 2017, informou que foram entregues à população de Fortaleza- Ceará 93 unidades de Educação Infantil. Ainda segundo a redação do jornal a informação foi repassada pela titular da Coordenação da Educação Infantil, Simone Calandrine que informou também que até dezembro do mesmo ano, 5.600 vagas seriam criadas na cidade para atender à população.

Podemos acrescentar ainda conforme dados apresentados pelo site da Secretaria Municipal de Educação, que Fortaleza possui 220 unidades de ensino destinados à educação de crianças, 138 Centros de Educação Infantil (CEI´s) e 82 Creches Conveniadas para crianças com idades de 1 a 5 anos.

É importante nos situarmos quando a estes dados para compreendermos o contexto em que está situado o Centro de Educação Infantil Professor José Valdevino de Carvalho, pois o mesmo se trata de uma instituição mantida pela Prefeitura Municipal de Fortaleza e é fruto desta expansão.

Podemos dizer que CEI Valdevino de Carvalho situado no bairro Parangaba funciona em regime integral atendendo crianças de 1 a 3 anos de idade de acordo com a demanda definida na matrícula tendo uma carga horária total de 200 dias letivos numa jornada de 10 horas diárias, sendo que a cada semestre temos um período de recesso de acordo com determinação da Secretaria Municipal de Educação- SME.

Com relação às turmas atendidas tivemos no início do ano de 2017 cerca de 70 crianças matriculadas sendo uma turma de infantil I, uma de infantil II e duas turmas de infantil III, com crianças de um, dois e três anos de idade respectivamente. Após a reforma ofertamos mais uma turma de infantil II.

A instituição oferece cinco refeições diárias distribuída da seguinte forma dentro da rotina pedagógica: desjejum servido às 7h30min; lanche das 9h após o momento de parque; às 9:20h as crianças participam de atividades pedagógicas com as professoras, por volta das 9:50h começa a preparação para o banho e em seguida mais especificamente às 10h30min é servido o almoço. Após o almoço temos a escovação de dentes e o momento de repouso que começa aproximadamente às 11h e vai até as 14h quando é oferecido o lanche da tarde. Em seguida as crianças participam do segundo momento de atividades pedagógicas somente com a professora em sala.

As 14h50min é oferecido um momento de atividades livres sob o direcionamento das assistentes de educação infantil. Já às 15h20min começam os preparativos para o banho que antecede o jantar servido às 16h20min. Após o jantar as crianças realizam atividades pedagógicas com as professoras enquanto aguardam chegada dos pais até às 17h.

Como podemos perceber, as crianças permanecem maior parte do dia na escola com as professoras e assistentes, fato que tanto nos leva a conhecermos muitas das subjetividades de cada uma, como também nos causam muitas angústias/questionamentos/inquietações por não sabermos como é a realidade delas fora do CEI. Dessa forma, podemos dizer que as informações supracitadas desenham sutilmente nossa instituição de ensino e de acolhimento das crianças alvo de nossa pesquisa e de certa forma nos situa diante das inquietações que foram base para a elaboração da Proposta Pedagógica e para a realização das visitas domiciliares às famílias.

Convivemos diariamente com essas crianças e não sabemos as angustias das famílias, quais as necessidades básicas que as mesmas passam e mais ainda não compreendemos o porquê da grande procura das mesmas pelos CEI’s de tempo integral e o significado da instituição na vida das crianças. Cruz (2016) diz que:

Ao procurar oferecer à criança proteção, saúde e bem-estar de modo geral, necessariamente a instituição de Educação Infantil preocupa-se e tende a interferir no que acontece com ela no âmbito familiar. Quando, por exemplo, uma criança mostra-se visivelmente mais retraída ou ansiosa que o habitual, é comum que se procure conversar com os seus responsáveis para conhecer as causas desse comportamento. (CRUZ, 2016, pág. 19)

As palavras da autora nos conscientizam sobre o papel do professor/ educador comprometido com a eficácia de seu fazer pedagógico, reforça o nosso desejo de conhecermos, de nos apropriarmos da realidade dessas crianças e estreitarmos os laços com as famílias. E ainda nos faz acreditar que essa pesquisa veio sanar nossas inquietações e nos ajudar na compreensão de muitos comportamentos das crianças, comportamentos estes que por muitas vezes são desconsiderados no planejamento pedagógico e que passam despercebidos também no seio familiar. E é com base nesse pensamento que discorremos a seguir sobre os nossos achados durante a pesquisa.

Contudo, gostaríamos primeiramente de ressaltar que algumas análises passam por uma percepção sensível das professoras que não puderam distanciarem-se de forma subjetiva no trato com a realidade encontrada no decorrer das visitações, visto que, a convivência com as crianças e suas famílias estreitaram os laços de afetividade. Silva (2017), diz que:

As relações estabelecidas entre adultos e crianças, nos contextos das creches são permeadas por múltiplas influências; entre elas podemos destacar diversos fatores interligados, tais como os princípios e os valores constituídos em uma esfera cultural no interior das famílias. (SILVA, 2017, pág. 9)

Acreditamos que essas relações no ambiente dos centros de educação infantil estão para além do fazer pedagógico e dos valores constituídos na relação professor/aluno, elas perpassam nossa vida profissional e pessoal e nos tocam profundamente a partir do momento em que passamos a conhecer sobre a vida das crianças e de suas famílias.

Foi com esse pensamento que seguimos na buscar tanto para melhor conhecer, como para melhor atender aos infantes e suas famílias. Assim, no dia 23 de março de 2017 iniciamos as visitas. Vale dizer que antes disso realizamos uma reunião com os pais e/ou responsáveis pelas crianças onde sondamos quais as famílias aceitavam nos receberem. Dentre o total das 70 famílias, 31 manifestaram interesse.

Após o consentimento das mesmas, as educadoras juntamente com a coordenação se dividiram em dois grupos e marcavam com antecedência a visitação às casas. Podemos dizer que fomos muito bem recebidas e as crianças, segundo relatos dos pais, ficavam ansiosas para nos receberem.

Conhecemos de perto a realidade vivenciada por elas fora do CEI. Conhecemos ainda aspectos da vida pessoal de cada uma que jamais saberíamos se não ousássemos ir além dos muros da instituição. Antes mesmo de chegarmos as residências das crianças já prevíamos de certa forma as condições sociais e habitacionais nas quais estavam inseridas, pois além das informações contidas nas fichas das matrículas, com o intuito de nos aprofundarmos nesse conhecimento acrescentamos aos questionários perguntas referentes a profissão, salário, dentre outros importantes para traçarmos o perfil dos sujeitos investigados.

Iniciamos nossa investigação focando na renda mensal com base nas informações prestadas nas fichas das crianças e nas conversas durante as visitas. Dessa forma, constatamos que a maioria das famílias é de baixa renda sendo que 75%, recebem um ou dois salários mínimos, outra parte sendo cerca de 16,66% possuem renda abaixo de um salário mínimo e apenas 8,33% recebe cerca de três salários. Observamos ainda que 63,88% das famílias recebem benefícios sociais do Governo como, por exemplo, o bolsa família, sendo que 36,11% não recebem nenhum benefício social.

Ao relacionarmos os dados acima com os do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística- IBGE nos certificaremos que estas famílias possuem rendimento domiciliar per capita abaixo da média nacional que era em 2017 de RS 1.268, além disso uma parte também se encontra abaixo da média do estado do Ceará, visto que de acordo com levantamento do IBGE no ano mesmo ano era de RS 824.

Essas informações nos levam a refletir sobre as condições socioeconômicas destas pessoas e como fazem para custearem as despesas com moradia, alimentação, saúde e outras questões fundamentais para o bem-estar humano já que Fortaleza tem um custo de vida considerado alto por ser uma capital. Além disso, constatamos que as famílias, em sua maioria, residem em vilas próximas do CEI sem muito conforto ou condições básicas de segurança, saúde e lazer. Podemos dizer que os que moram em residências próprias, somam 44,44% e em casas alugadas 47,22%, já 5,55% em habitação cedida por parentes e 2,77% residem em Órgãos públicos de assistência social (Abrigo: Programa de atendimento as famílias em situação de rua).

Quando relacionamos a renda mensal com a situação das moradias alugadas nos perguntamos: como as famílias que ganham um salário mínimo e até menos que isso conseguem sobreviver numa capital com custo de vital tão alto? Quais as estratégias para custearem suas despesas básicas como alimentação, saúde, água, energia elétrica, etc.?

Algumas respostas foram dadas de forma automática no momento em que adentramos certas residências. Casas sem muito conforto, muitas vezes apenas com um cômodo para ser dividido com três, cinco ou mais pessoas, com fiação exposta, sem ventilação e área externa. Essas observações nos deram a dimensão da importância da creche para a comunidade.

Observamos ainda que 100% dos lares são de alvenaria e que 69,44% destes possuem saneamento básico e outras 30,55% não possuem sendo o ambiente da creche o local que apresenta maior conforto para as crianças do que sua própria casa.

Nesse contexto das visitas uma família relatou que no inverno a creche é o melhor lugar para o filho devido as péssimas condições de infraestrutura de sua casa e que estava ansiosa para o término da reforma da instituição, pois sabia que lá era o melhor lugar para a criança se proteger da chuva e, além disso ser educado.

Quando indagados sobre a importância do Centro de Educação Infantil para a criança e sua família tivemos respostas variadas as quais suscitaremos algumas de forma resumida e com nomes fictícios para preservar a identidade dos pais e das crianças:

“Lá eu sei que ele tá seguro. Aqui é tranquilo, mas tem usuário de drogas e a gente fica com medo. ” Marina

“Eu gosto porque é perto e eu preciso trabalhar. Não tenho com quem deixar. ” Jaira

“Sinto segurança de deixar ela lá porque ela aprende. Se desenvolveu muito e até melhorou porque ela é muito tímida. ” Kelly

“Eu tô separada do pai deles. Ele tá na justiça pra tirar a gente da casa. Eu não tenho pra onde ir e não trabalho, só tenho bolsa família e num dá para pagar aluguel. Enquanto eles tão na escola eu faço bico e procuro emprego. Na creche tem comida e cuidado pra eles. ” Aline

Diante das falas percebemos que os motivos e importância do CEI para as famílias são os mais variados, que não é somente pelo que as crianças aprendem, mas pela segurança que têm, pelo cuidado e carinho recebido pelas professoras e em casos mais extremos como vimos na fala da “Aline”, pela alimentação ofertada que muitas vezes não tem em casa. E por falar em alimentação esse foi um dos temas abordados no questionário: quantas refeições fazem e o que geralmente é ofertado? As crianças apresentam manhas para dormirem ou comerem quando estão em casa?

Para essas indagações também obtivemos respostas variadas. Os relatos em sua maioria dizem que normalmente fazem três refeições diárias, salvo os casos em que as famílias passam por dificuldades financeiras e uma mãe relatou que nos finais de semana quando a criança não está na creche muitas vezes ela deixa de comer para guardar para os filhos, pois a comida é pouca e às vezes falta. Referente oferta, o cardápio é bem restrito: arroz, feijão, carne e enlatados. Já as principais manhas referentes a alimentação dizem respeito a recusa de verduras e leguminosas.

Em se tratando das manhas para dormirem, podemos dizer que esse questionamento se deu devido às observações feitas por nós professoras no tempo de descanso das crianças na escola, pois algumas ficam muito inquietas ou tristes, então sentimos a necessidade de compreendermos esses comportamentos. Vimos que, em casa, muitas dormem com os pais na mesma cama, outras ainda mamam e algumas dormem balançando numa rede. Constatamos que o ambiente do CEI, no tempo de descanso, era para a crianças inseguro e estranho já que não oferta para a mesmas condições que já estão acostumadas a terem em casa.

Diante disso, passamos a dar mais atenção aos infantes na medida em que os relatos nos sensibilizaram na busca por tornar o espaço da escola um ambiente acolhedor que transmita segurança e conforto para as crianças. E sobre a adaptação das mesmas Cisele Ortiz (2000) diz que:

Ela precisa de um tempo para que conscientemente fique claro para ela as diferenças entre sua casa e a escola, assim como para que ela transfira seus sentimentos básicos de confiança e segurança para alguém. Este tempo é bastante individualizado, algumas crianças passam por este momento de forma mais rápida, outros mais lenta, não podemos estabelecer isto a priori. (ORTIZ, 2000, pág.4)

Cisele Ortiz nos conscientiza quanto ao nosso papel de promovermos o bem-estar dessas crianças buscando sempre meios para que se sintam segura fora do ambienta no qual já estão acostumadas.

Com relação a rotina dos pequenos quando não estão na instituição, muitos disseram que normalmente eles brincam com primos e outras crianças da rua. Porém em alguns casos os pais os levam para o trabalho por não terem com quem deixá-los.

Acreditamos na importância da interação com diferentes pares e espaços. Em contrapartida nos preocupamos por estas crianças estarem num local vulneráveis aos perigos das ruas.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para nós do CEI Professor José Valdevino de Carvalho, a ideia de visitarmos as famílias, de início nos pareceu pouco empolgante, porém depois a euforia cresceu, pois quando passamos a conhecer a realidade das crianças nos sentimos mais próximas delas na medida em que íamos estreitando os laços de afetividade e o vínculo família/escola.

No decorrer de todas as visitas, percebemos realidades bem distintas. Observamos que em grande parte das residências visitadas a composição familiar é pequena, formada por quatro ou cinco membros onde há casos de crianças residindo com os pais e avós no mesmo ambiente. Vimos ainda que existem diversas composições de núcleos familiares e esse o contato com os mesmos nos tornou mais preparadas para lhe darmos com as diversidades dentro e fora da escola.

Pudemos ainda compreender a importância e significado do CEI na vida das crianças e de suas famílias, principalmente quando ouvimos relatos dos pais narrando a fala dos filhos: “Hoje eu vou para a creche? ”. Isso simboliza de certa forma a efetivação de nossa prática pedagógica sustentada na relação de confiança entre professor/família/aluno/escola. Tais relatos ressaltam ainda mais a importância da instituição quando dizem a conceberem como uma extensão de seus lares acolhendo e educando as crianças enquanto precisam trabalhar.

Enfim, vivenciamos fatos e histórias bem íntimas dos pais e assim percebemos que conhecer a realidade das crianças e seus familiares fora do CEI é indispensável para realizarmos nosso papel enquanto professores/educadores comprometidos e preocupados com o futuro de nossos alunos e consequentemente de nosso país.

Podemos dizerque nossas ações foram modificadas para melhor conduzirmos nossas intenções pedagógicas, visto que estas estão voltadas para o cuidar e o educar de forma indissociável em parceria com as famílias e, estas, por conhecerem e acreditarem no que é desenvolvido no CEI confiam a nós a educação de seus filhos.

**REFERÊNCIAS**

BRASIL. **Secretaria Municipal de Educação- Prefeitura de Fortaleza.** Disponível em: <<http://educacao.fortaleza.ce.gov.br/index.php/rede-de-ensino/educ-infantil>>. Acesso em: 25 jan. 2018.

**Instituto Brasileiro de Geografia Estatística- IBGE.** Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/por-cidade-estado-estatisticas.html>>. Acesso em jun. 2018.

LEITE, Maria Ilnair Martins. **Formação continuada para professores de educação infantil:** concepções de profissionais da rede municipal de ensino de Fortaleza / Maria Ilnair Martins Leite. – 2013. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8000/1/2013_dis_mimleite.pdf>>. Acesso em: 25 de maio de 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Secretaria de Educação Básica – SEB.** Diálogo com as famílias: a leitura dentro e fora da escola / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. - 1.ed. – Brasília: MEC / SEB, 2016.

O POVO ONLINE. **Prefeitura de Fortaleza entregou 93 unidades de Educação Infantil. Disponível em: <**<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2017/08/prefeitura-de-fortaleza-entregou-93-unidades-de-educacao-infantil.html>>. Acesso em: 25 jan. 2018.

ORTIZ, Gisele. **Adaptação e Acolhimento:** Um cuidado inerente ao projeto educativo da instituição e um indicador de qualidade do serviço prestado pela instituição. 2000. Disponível em:<<http://revistaescola.abril.com.br/gestaoescolar/acolhida-cisele-ortiz.pdf>>. Acesso em: 22 de abr. 2018.

SILVA, Fabiane de Souza. **As Relações Creche – Família. Um Estudo numa Instituição de Educação Infantil no Município de Camacan – Ba.** Disponível em: <<http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/8380/V.%20final%20DM%20Fabiane.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 março 2018.